



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

O MANUAL DIDÁTICO: UMA REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO DOCENTE

Rubens Batista da Rocha¹; José Barreto dos Santos²

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Campo Grande-MS
Curso de Licenciatura em Geografia - Rua dos Dentistas, 500 - Bairro Arnaldo de Estevão de Figueiredo,
E-mail: rubensroc1@hotmail.com;¹; zecajbsuol.com.br².

RESUMO

Este trabalho visa discutir o Manual Didático no movimento da prática do trabalho docente, enfatizando a necessidade do professor entender o germe da Escola Pública Moderna, tendo como pressuposto a Organização do Trabalho Didático. Importante fundamento teórico-metodológico para compor o nosso “olhar” sobre o processo de produção do trabalho docente e a sua prática educativa, na utilização dos manuais didáticos, em específico os livros de geografia do Ensino Médio utilizados no cotidiano escolar, da Escola Estadual Marçal de Souza Tupã Y, no bairro Jardim Los Angeles Campo Grande-MS. Trabalharemos com os fundamentos de Karl Marx & Friedrich Engels e os estudos investigativos do Professor Gilberto Luiz Alves sobre os Manuais Didáticos. Proposta esta, que visa estabelecer a crítica de entendimento sobre o processo de dependência entre o Manual Didático e o trabalho docente.

Palavras-chave: Organização do Trabalho Didático, Manual Didático, Trabalho Docente.

INTRODUÇÃO

Este trabalho ganha corpo na medida em que, como egresso do Curso de Geografia comecei a perceber minhas reais dificuldades, ao adentrar no mundo do trabalho docente e a vivenciar dificuldades, que outrora, como acadêmico não me foram manifestadas. Tais dificuldades materializam-se à medida que, comecei a frequentar o Estágio Supervisionado Obrigatório e a deparar-me, com a realidade e com o desafio de trabalhar com o material didático pedagógico que auxilia o professor na prática docente, de forma eficaz.

Neste sentido é que nos propomos a discorrer sobre a formação de professores, tendo como ponto de partida a “Organização do Trabalho Didático”, procurando explicar que a partir do surgimento da escola pública contemporânea e sua relação com o modo de produção capitalista, forjaram um modo de pensar a sua funcionalidade e organização para o trabalho docente. Compreender que a formação de professores foi, pensada e materializada tendo como exemplo a organização de uma oficina manufatureira, onde havia a separação do artesão com o objeto de seu trabalho em todo o processo produtivo, para dar origem a um novo trabalhador que realiza atividades parciais através das especializações de funções, esse artesão perde a relação de criador para mero executor, esse processo assim denominado de divisão do trabalho, passa a ter como principal objetivo e resultado a produção em série.

João Amós Comenius (1621-1654), bispo protestante em sua obra “Didática Magna”, é quem realizou a construção do trabalho de produção da escola pública nos moldes da produção manufatureira, cujo intuito era ganhar mais almas para Jesus através da escolarização, de número cada vez maior de pessoas de todas as idades, ensinando tudo a todos em qualquer lugar. Realizou este trabalho sobre os ditames da burguesia, que tinha o interesse de que os filhos dos trabalhadores aprendessem o mínimo necessário para o mundo do trabalho, mas, sobretudo, afinados com os

princípios da Reforma Protestante, diante do exposto vale a pena ressaltar o que Alves (2012), apresenta:

Em certo estágio do processo de transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista, quando a instituição escola moderna germinava como necessidade histórica nas relações sociais e na consciência dos homens, Comenius, de acordo com esse entendimento, chamou ‘Didática Magna’ à demanda social que reclamava o oferecimento de educação escolar para todos. Nesse instante, a Reforma protestante preconiza novo ideal de homem, encarnado pela própria classe que integrava o universo por meio do mercado. Aspirava, ainda em flagrante oposição à educação promovida pela Igreja Católica ao longo da época feudal, formar o fiel que, pelo domínio da leitura e da escrita, pudesse ter livre acesso aos livros sagrados, celebrados como fonte de salvação eterna. (ALVES, 2012, p.171).

Pode-se notar diante da citação acima os interesses antagônicos entre a Igreja Católica, e os reformadores, quanto à importância da leitura dos textos sagrados, logo podemos considerar o interesse em comum entre os protestantes e os burgueses, estes últimos interessados na melhoria da produção manufatureira e os primeiros no acesso livre aos textos sagrados tão importantes para o fiel protestante, quanto a sua interpretação.

Daí a importância deste trabalho, objetivando conhecer para compreender o uso do manual didático em substituição aos livros clássicos, o que pudemos constatar teve em Comenius seu grande idealizador com a “Arte de Ensinar Tudo a Todos”, de uma forma barata e produtiva, germinando com isso a ideia de um professor manufatureiro, eficiente na sua especialização moldada no interior da divisão do trabalho e no tempo, que outrora foi seu.

A concretização dessa proposta está pautada na divisão do trabalho didático, na composição das disciplinas que são repassadas aos alunos praticamente nos moldes

comenianos, desde a carga horária até a matriz curricular onde ambas são pré-estabelecidas para todo o ano letivo.

Nesse movimento histórico, nos propomos a partir do universal refletir a nossa singularidade, a utilização do manual didático, na sua atribuição de suas investidas na arte de ensinar tudo a todos e, a sua real dependência frente a esse material e o enfrentamento aos novos instrumentos de trabalho, seus limites e possibilidades de mudanças.

1. MATRIZ TEÓRICA: BREVE HISTÓRICO SOBRE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO

Quando falamos em organização do trabalho didático, para algumas pessoas que atuam na educação pode ser algo familiar, entretanto, será que sabem realmente o seu significado? Como foi forjada e a sua origem? Quais os ideais que realmente estavam por traz da ideologia que a originaram? Para responder a essas indagações, precisamos resgatar sua origem.

Assim falava Lutero, na composição do pensamento de Comenius:

Lutero, na sua exortação às cidades do Império, para que constituíssem escolas (em 1525), entre outras coisas, emitiu estes votos: Primeiro, que, em todas as cidades, vilas e aldeias, sejam fundadas escolas, para educar toda a juventude de ambos os sexos, de tal maneira que, mesmo aqueles que se dedicam à agricultura e às profissões manuais, frequentando a escola, ao menos duas horas por dia, sejam instruídos nas letras, na moral e na religião. Segundo: que sejam instruídos com um método muito fácil, não só para se não afastem dos estudos, mas até para que para eles sejam atraídos como verdadeiros deleites, e como ele diz, para que as crianças experimentem nos estudos um prazer menor que quando passam dias

inteiros a brincar com pedrinhas com a bola e às corridas.
(COMENIUS, 1621-1654, p. 145-146).

Durante o período da Reforma Protestante houve grandes avanços na educação, pois, o ideário de uma escola pública e universal surge nesse contexto, sobre o pretexto de levar a educação a todos, havia o propósito de pregar o evangelho a todos os homens, a educação sofre grandes influências desse movimento surgido no interior da igreja católica. Porém, o ápice da educação acontece com a Revolução Industrial que fez com que o bispo morávio João Amós Comenius, ao observar a manufatura e a sua divisão social do trabalho, faça uma similaridade da mesma, e com isso forje a organização do trabalho didático nos moldes de uma manufatura, com divisão das disciplinas a serem ministradas, com controle rígido dos horários dos profissionais que irão atuar no interior dessa escola, resultando como Karl Marx explica:

A cooperação baseada na divisão do trabalho adquire sua forma clássica na manufatura. Como forma característica do processo de produção capitalista ela predomina durante o período manufatureiro propriamente dito, que, grosso modo, dura meados do século XVI até o último terço de século XVIII.

A manufatura origina-se de modo duplo. Em um modo, trabalhadores de diversos ofícios autônomos, por cujas mãos têm de passar um produto até o acabamento final, são reunidos em uma oficina sob o comando de um mesmo capitalista. (MARX, 1996, p. 431).

Comenius, ao analisar a manufatura, percebeu que o trabalho fabril tornara-se mais eficiente do que o trabalho artesanal do período feudal, já não se fazia mais necessário uma única pessoa para realizar todas as etapas da produção, havia uma divisão social do trabalho na qual as várias etapas da produção de uma determinada mercadoria, era dividida entre os operários, o que elevou a produtividade da manufatura, e conseqüentemente um melhor aproveitamento do tempo necessário à produção. Houve

também um grande avanço quando da utilização de ferramentas e máquinas necessárias à produção de mercadorias, pois, a máquina levou a economia de tempo e aumento da produção, o que gerou o barateamento das mercadorias, conforme Alves, (2006):

A arte de ensinar nada mais exige (...) que uma habilidosa repartição do tempo, das matérias e do método. Se a conseguir-mos estabelecer com exactidão, não será mais difícil ensinar tudo à juventude escolar, por mais numerosa que ela seja que imprimir, com letra elegantíssima, em máquinas tipográficas, mil folhas por dia, ou remover, com a máquina de Arquimedes, casas, torres ou qualquer outra espécie de pesos, ou atravessar num navio e atingir o mundo. (COMENIUS, apud ALVES 2006, p. 76).

Comenius fez um estudo profundo da organização do trabalho manufatureiro e dizia que seria possível ensinar tudo aos alunos, independente da quantidade de pessoas que estariam organizadas nas salas de aula, ainda demonstrou o quanto era importante utilizar as máquinas da época na produção do trabalho didático, ao mencionar atravessar num navio e atingir o mundo, pretendia mostrar que o ensino poderia se tornar universal atingindo todas as pessoas do planeta graças à organização e emprego da maquinaria.

Todos trabalhavam de forma simultânea dentro de suas especializações, proporcionando uma produção eficiente e garantindo os ganhos em rendimentos e produtividade, contudo se por um lado a ganho em produção e renda, o trabalhador tornou-se mais explorado, perdeu o controle da produção e do tempo, seu ritmo de trabalho passou a ser determinado e controlado pela máquina, a jornada de trabalho foi prolongada sem que o mesmo fosse devidamente remunerado por isso.

O capitalismo que se instalava em definitivo estava interessado em levar uma educação ainda que limitada aos filhos dos trabalhadores, que seriam futuros trabalhadores, esses necessitavam operar as máquinas que estavam em constante

renovação para garantir o aprimoramento da produção, era necessário que o trabalhador fosse ao menos alfabetizado e que aprendesse os cálculos básicos.

Diante de tais necessidades Comenius passa a pensar uma educação fragmentada, assim como na manufatura se faz com o trabalho fabril, com uma divisão social do trabalho e emprego de especialistas não sendo mais necessária a figura de um artesão que participava de todas as etapas da produção, a educação no antigo modo de produção, ou seja, o feudal havia a figura do preceptor¹ que detinha todo o conhecimento fazia uso dos livros clássicos como fonte de pesquisa, e posteriormente para o ensino.

Porém, essa educação não atingia a todos, apenas os filhos da elite é que eram escolarizados, estavam excluídos os filhos da classe trabalhadora, no caso os filhos dos camponeses, dos servos e escravos. O ensino era ministrado na casa do aluno trabalho este individualizado, não havia uma classe com vários alunos e um único professor transmitindo o conhecimento. O ensino era elitizado poucos tinham condições de pagar um preceptor.

O que não significou que com a passagem do feudalismo para o capitalismo a educação tenha se tornado um bem distribuído a todas as classes que compõem o sistema capitalista, muito pelo contrário, nele os homens que detinham os meios de produção é que passaram a ditar as regras inclusive da educação, o ensino que atingisse a todos somente era interessante à medida que beneficiasse o capital, e ainda assim com as devidas limitações, não havia interesse em formar intelectuais que saíssem da classe proletária, pois, estes teriam que formar a força operária e sua prole uma reserva que seria empregada como força de trabalho brevemente. Portanto, há uma educação voltada para os ricos e outra para os pobres.

¹ **Preceptor** era um professor que durante a Idade Média atendia o discípulo de forma individual na casa do mesmo ou na casa do preceptor, esse profissional detinha todo o conhecimento fazia uso dos livros clássicos porém somente a elite é que conseguia proporcionar educação aos filhos.

Até o século XVI, o trabalho didático preservava as suas características artesanais. Era um legado da sociedade feudal; um registro que resistia à emergência de uma nova época cujas necessidades educacionais já não lhe eram mais pertinentes. A burguesia imitava a nobreza quando contratava um preceptor para educar os seus filhos. A relação do preceptor com o discípulo era de natureza individual, mesmo quando a responsabilidade daquele se dividia entre dois ou mais jovens. (ALVES, 2005, p. 619).

Nesse sentido, afirma Alves (2006), que Comenius está na origem da escola moderna. A ele, mais do que a nenhum outro, coube o mérito de concebê-la. Nessa empreitada, foi impregnado pela clareza de que o estabelecimento escolar deveria ser pensado como uma *oficina de homens*; foi tomado pela convicção de que a escola deveria fundar a sua organização tendo como parâmetro as artes. E nos mostra ainda que: “Comenius tornou-se a chave maior para o entendimento da origem e dos primeiros passos da escola moderna na sociedade burguesa [...]”. (ALVES, 2005, p. 621).

O trabalho didático foi elaborado e pensado como a produção, pois, Comenius olhou para o desenvolvimento da manufatura e transmitiu essa experiência na construção da escola pública, “A combinação das atividades executadas por diferentes trabalhadores viabilizou a manufatura, pois resultou na elevação da produtividade do trabalho”. (ALVES, 2006, p. 71). A escola passa a apresentar essa configuração organizacional de modelo de produção nesse caso de produção intelectual, fundamentada na divisão social do trabalho, observada no interior de uma oficina.

Comenius tinha o propósito de que a palavra do Senhor fosse propagada a todas as camadas sociais e com a construção de uma escola, gratuita e universal, isso seria possível. “Esse movimento religioso incorporava uma novidade fundamental ao pressupor a necessidade de todos terem acesso à leitura e à escrita, para ler e interpretar livremente os livros sagrados”. (ALVES, 2005, p. 620). Portanto, pode-se notar que Comenius, estava atendendo aos interesses da reforma objetivando levar a palavra de

Deus a todos, porém os reformadores têm uma relação bem próxima da burguesia diferente dos católicos que resistiram à mudança do modo de produção, nesse sentido:

[...] antes de ser um movimento religioso, no sentido de combate à Igreja feudal, foi um movimento econômico, dentro do projeto de construção do capitalismo pela burguesia. Haja vista que o trabalho, categoria fundante da nova sociedade, é a marca das religiões oriundas da Reforma. (SOUZA, 2010, p. 125).

Souza (2010), explica que as religiões protestantes estão alinhadas com o pensamento burguês, de que o homem agora possa ter a liberdade de produzir o que bem entender sem influências do Estado, assim a Educação vai atender aos interesses da burguesia de forma que o ensino atenda aos filhos dos trabalhadores dentro das devidas proporções quanto à qualidade de ensino, pois, as classes sociais do sistema capitalista são antagônicas.

Assim, a escola criada por Comenius necessitou de uma nova ferramenta, pois já não havia mais necessidade de ter um preceptor, um professor que detivesse todo o conhecimento e se utilizasse dos livros clássicos, obras caras e extensas. Conforme Alves “O manual didático surgiu com a pretensão de consubstanciar uma síntese dos conhecimentos humanos de uma forma mais adequada ao desenvolvimento e assimilação da criança e do jovem”, (ALVES, 2006 p.76), assim surge o manual didático.

1.1 A PRÁTICA DOCENTE E O MANUAL DIDÁTICO: TRABALHO E EDUCAÇÃO

Segundo Souza (2010), “Pedagogo oriundo do Movimento da Reforma, em sua *Didática Magna*, esse pensador contrapôs à obra clássica, utilizada pelo preceptor feudal, o manual didático” (SOUZA, 2010, p. 126).

[...] Comete-se também uma imprudência quando se não afasta a juventude dos livros torpes, cheios de erros e de confusões, assim como também das más companhias”.

“Pense-se, portanto, que é essencial:

I. Não dar aos alunos nenhuns outros livros, além dos da sua classe.

II. Que esses livros sejam tão cuidadosamente ilustrados que, justa e merecidamente, possam ser considerados verdadeiros inspiradores de sabedoria, de moralidade e de piedade.

III. Não devem ser toleradas nas escolas, ou nas vizinhanças das escolas, companhias dissolutas.

“Se todas estas regras forem observadas escrupulosamente, será quase impossível que as escolas falhem na sua missão.”.
(COMENIUS, 1621-1654, p. 231-232).

Comenius criou então o manual didático ou livro didático, algo que iria sintetizar o conhecimento dos livros clássicos, para ele era mais simples do que os clássicos, esse instrumento facilitou o trabalho de professores e alunos, uma vez que também, adequava-se a faixa etária de cada estudante.

A tendência que germinara com a Reforma, contudo, revelou ser mais apropriada, historicamente, ao processo de universalização da escola burguesa. No século XIX ela difundiu-se por todo o mundo, o que fez mudar também o nosso quadro de referências. Os clássicos desapareceram da sala de aula e, em seu lugar, foram introduzidos os manuais didáticos. É possível conceber essa mudança como o resultado de um ajustamento, através do qual o trabalho didático viu ser aprofundada em seu interior a divisão do trabalho. (ALVES, 2006, p. 160).

O que podemos evidenciar é que o manual didático no interior da divisão do trabalho revela a sua simplificação e objetivação reforçando a profissionalização, causando a dependência de tal forma que qualquer pessoa pudesse ensinar. É o

professor perdendo o domínio da sua erudição submetendo-se a lógica da especialização do trabalhador das manufaturas. Sendo assim, Alves (2006, p. 161) afirma “Os manuais didáticos, enquanto instrumentos de simplificação do trabalho do professor assumiram papel central nesse processo”.

As considerações expostas revelam a utilização do manual didático, como o principal instrumento de trabalho do professor nas escolas públicas o que fundamenta reconhecer de acordo com Alves (2006, p. 162) que: “Os instrumentos de trabalho, encarnados, sobretudo nos manuais, começavam a dominá-lo e a dar atônica ao exercício de suas atividades dentro da sala de aula”.

Vivemos, portanto, a dura realidade da escola dualista que persiste através dos séculos, uma educação distinta entre pobres e ricos, ou para possuidores e despossuidores, Saviani nos dá sua contribuição ao mostrar que:

Na Antiguidade, tanto grega como romana, configura-se esse fenômeno que contrapõe, de um lado, uma aristocracia que detém a propriedade privada da terra; e, de outro lado, os escravos. Daí a caracterização do modo de produção antigo como modo de produção escravista. O trabalho realizado predominantemente pelos escravos. Ora, essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduce-se, assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p. 155).

Contudo, se formos observar a realidade da Educação e o do Trabalho até os dias atuais, analisando o processo histórico, poderemos concluir que os problemas relacionados à Educação se perpetuaram pelos modos de produção em suas distintas épocas, carregando semelhanças de um modo de produção para o outro.

“Os manuais didáticos, enquanto instrumentos de trabalho dominantes nessa fase de universalização da escola burguesa traduziram na prática a intervenção da divisão do trabalho no campo do ensino” (ALVES, 2006, p. 161). Assim confirma-se a

tese de que a organização do trabalho didático está intimamente ligada à divisão do trabalho no processo manufatureiro, e a escola trabalha com produção do trabalho intelectual, de forma análoga ao processo produtivo material.

Uma relevante contribuição ao que se refere à construção do Manual Didático é da professora Maria Encarnação Spósito, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), que enfatiza a importância de se trabalhar com os conteúdos regionais, pois manuais didáticos não atingem as especificidades locais, sendo necessária uma pesquisa no local onde o professor atua.

Assim, tudo parece indicar que há dificuldades para se produzir livros didáticos voltados de forma precípua a atender as especificidades de realidades regionais ou locais, o que reforça as possibilidades de se estabelecer uma relação biunívocas entre currículo nacional e livro didático. (SPÓSITO, 2002, p. 307).

O caráter rígido e limitado traduzido na construção dos manuais didáticos preocupa os autores uma vez que esse se tornou o principal instrumento de trabalho dos professores.

Além disso, o livro didático, importante instrumento de trabalho dos professores desse nível de ensino, também são produzidos e utilizados em componentes curriculares específicos. A organização de eixos temáticos em Geografia e seus subtemas, por exemplo, estão baseados, fundamentalmente, no conceito de espaço geográfico elaborado por Milton Santos e se prende a essa forma de pensar, de base estruturalista. Como as bases teóricas dos outros campos disciplinares não são, necessariamente, as mesmas e, função do “caráter fechado” que caracteriza a forma estruturalista de elaborar o pensamento, a relação interdisciplinar com outros componentes fica dificultada. (SPÓSITO E SPÓSITO, 2004, p. 325).

Reforçamos que o conhecimento não pode ser traduzido somente por um ponto de vista, deve-se levar em conta as outras formas de pensamento, o que segundo os autores tem sido negligenciado na construção dos manuais didáticos.

Apresenta um grave panorama do caráter mercantil existente no mercado editorial, que está por traz da utilização dos livros didáticos:

Visto o manual didático como mercadoria contributiva ao processo de acumulação do capital monopólico, fica mais fácil deduzir a natureza da linguagem e do conteúdo por ele veiculados, que assumem a feição necessária para sua inserção e aceitação no interior da escola. A preocupação do mercado livreiro não é transmitir conhecimento, mas tornar a mercadoria palatável a consumidores que julga menos exigente. (SOUZA 2010, p.129).

No cotidiano educacional no contexto da educação básica, os reais interesses de se produzir o manual didático com conteúdos e referências sintetizados, nem sequer vêm a tona para apreciação e discussão dos profissionais e sociedade.

Segundo Souza (2010), o manual didático tem um mercado monopólico, pois, atendem principalmente a rede pública e são adquiridos pelo governo e distribuídos às escolas, de todo o Brasil, portanto é um mercado altamente lucrativo para as editoras.

Na obra de Marx e Engels a Ideologia Alemã os autores enfatizam que:

Como o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições são medidas pelo Estado, adquirem por meio dele uma forma política. Daí a ilusão, como se a lei baseasse na vontade e, mais ainda, na vontade separada de sua base real [realem], na vontade livre. (MARX e ENGELS, 2007, p. 76).

Marx e Engels, já apontavam que o Estado estava atendendo aos interesses dos capitalistas, no caso do manual didático os capitalistas do setor editorial. Porém, não somente o mercado editorial, a educação fomenta vários setores da economia.

Então por mais que os neoliberais queiram enfatizar que se faz necessário diminuir a intervenção estatal na economia, o setor privado depende cada vez mais do setor público, algo extremamente contraditório.

Sendo assim, a qualidade e objetivos do manual didático atendem a uma série de interesses antes mesmo dos interesses educacionais, o que contribui para sua banalização mercadológica e, por conseguinte banalização da educação.

Esse quadro abriu espaço para que a chamada “indústria do livro didático” ganhasse terreno. Foram, seguramente, os professores as vítimas deste processo. O livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocam no mercado livros com o mínimo de seriedade e veracidade científicas. A grande maioria contém erros grosseiros, cuja identificação certamente daria para escrever um livro. É este material, sem qualidade aferida ou ratificada pelos círculos acadêmicos das universidades e pelos professores da rede oficial, que se tem transformado no definidor da “geografia que se ensina”. É ele que tem sido caracterizado e caracteriza o que é geografia. (OLIVEIRA, 1998, p. 137).

Faz-se necessário que os professores tomem consciência que manterem-se alienados ao manual didático, fará deles meros “fantoques” nas mãos dos interesses que não têm nenhum compromisso em melhorar o quadro da educação brasileira, esses precisam ser estimulados a procurar alternativas de material pedagógico, chamar os alunos para a construção desse material, pois, o próprio processo de confecção do material irá ajudar na aprendizagem, e isso melhora a relação Professor X Aluno fator importante para o desenvolvimento qualitativo do conhecimento.

Como proposta alternativa Souza apresenta sua experiência:

Passei a organizar materiais didáticos com excertos de textos clássicos: o *Caderno de linguagens estéticas*, o *caderno de linguagens conceituais* e *O mundo dos homens gregos e latinos*, antologias comentadas para uso didático. Neles, a preocupação foi acessar os clássicos aos alunos, como metodologia de apreensão de conhecimentos sobre a história da humanidade e como forma de levá-los a um primeiro contato com o texto clássico em sala de aula. Outras experiências significativas e de conjunto foram: a consultoria dada à Secretaria Estadual de Educação de MS para a escrita do Referencial teórico do ensino médio, a ser utilizado nas escolas da rede estadual de ensino, quando propus um currículo com base na leitura de obras clássicas; a aprovação de pedagogia da UEMS, formulando com o grupo do HISTEDBR-MS. (SOUZA, 2010, p. 123).

Construir o pensamento crítico com relação ao manual didático perpassa também em apontar alternativas, que contribuam mais significativamente com o processo de ensino aprendizagem no âmbito da escola pública, que ainda hoje forma alunos para o mercado de trabalho sem preocupar-se com a construção do pensamento crítico e científico.

Baseado na divisão social do trabalho a organização do trabalho didático destituiu do professor a construção da produção intelectual, portanto perde-se com isso o sentido de apropriação do conhecimento, o melhor aproveitamento do tempo passa a ser o objetivo, o que faz do professor um “escravo” do tempo e do conteúdo constante nos manuais que precisam ser transmitidos, sem que haja a preocupação com a assimilação desse, por parte dos alunos, o que importa é chegar ao final do período letivo com o conteúdo dado.

A organização do trabalho didático foi criada por Comenius no sentido de levar a educação a todos, nos moldes da produção capitalista, sendo assim as características de produção estão presentes na educação, tais como: a especialização do trabalho, o controle do tempo e do quantitativo da produção.

O professor precisa empoderar-se desse conhecimento para ir além dos manuais didáticos, utilizando-se para isso de outras fontes de pesquisa para a construção de conteúdos didáticos de qualidade, as tecnologias tal como a internet, na qual se podem encontrar textos de qualidade, vídeos didáticos e ainda voltar a utilizar os clássicos.

1.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS DE 2013 E 2014

Durante o meu estágio, perguntei a professora da disciplina de Geografia, que atua na educação básica da Escola Estadual Marçal de Souza Tupã Y, localizada no bairro Jardim Los Angeles, em Campo Grande-MS, sobre o que ela achava do livro didático, a profissional que vamos chamar aqui de ²X nos disse: *que para elaborar algumas aulas necessita utilizar até 10 (dez) livros didáticos*. A segunda professora de Geografia que chamaremos de Y, lotada na mesma escola que a anterior, quando questionada:

Para você qual a importância do livro didático?

É um bom suporte para o professor em sala de aula, auxilia nosso trabalho no dia-a-dia. Sim o livro didático, todo conteúdo e exercícios, tem que ser passado no quadro e nisso se perde muito tempo.

A escolha do livro didático é muito importante, tem autores muito bons, com linguagem fácil, exercício do ENEM e Vestibulares e ótimos textos complementares.

Devemos usar o livro apenas como um suporte mesmo, mas que facilita, sem dúvida nenhuma, nosso cotidiano, bem como do aluno.

² X e Y são os nomes dos quais chamamos as professoras para preservá-las, pois não pedimos autorização para divulgar os seus nomes, em nossa pesquisa. A título de esclarecimento a professora X nos respondeu oralmente e a professora Y, respondeu uma questão escrita, por isso a resposta mais longa da mesma.

Trilhando no mesmo foco do estágio na Escola Marçal de Souza Tupã Y, tive dificuldades em elaborar as aulas tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio fazendo uso do material didático adotado pela escola. Nessa oportunidade trabalhei com as duas professoras citadas, em estágio no ensino médio, para elaborarmos as aulas tivemos de recorrer a vários livros didáticos, pois, o adotado pela escola não contemplava na totalidade o conteúdo exigido, utilizamos mais de três livros didáticos e tivemos de recorrer a sites educativos na internet.

A própria professora a qual chamamos de Y nos disse que conseguirá trabalhar com o livro didático adotado para todo o ano letivo apenas nos dois últimos bimestres, pois, o mesmo não atende o que é pedido na sequência didática, para tanto a profissional teve de construir apostilas para dar seguimento a seu trabalho.

O conteúdo que encontramos maior dificuldade para trabalhar durante o estágio foi o tema “Economia e População do México e América Central”, conteúdo este constante no manual, porém insuficiente, tivemos de recorrer aos sites educativos disponíveis na internet.

“[...] O ideal, em nosso ponto de vista seria o próprio professor elaborar seus textos, a partir do conhecimento da realidade de seus alunos e procurar fazer com que estes sejam coautores do saber”. (VESENTINI, 1983, p. 36). Diante do exposto partindo de uma proposta de construção conjunta/socializada e discutida, o professor chamando os alunos para participarem da construção do material pedagógico, estaria indiretamente estimulando os alunos a buscarem o conhecimento e dessa forma a assimilação dos conteúdos ficaria mais eficiente. “[...] a elaboração desse material deve ser feita por professores que trabalham no 1º e 2º graus, por aqueles que participam das lutas da melhoria do ensino, e não por pretensos ‘especialistas’, detentores de uma suposta ‘competência’, e que, normalmente, nunca pisaram numa sala de aula desse nível de ensino”. (VESENTINI, 1983, p. 36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que ao estudar o processo de “Produção da Escola Pública Contemporânea”, evidenciando as condições materiais da matriz teórica da “Organização do Trabalho Didático” sedimentaram o método, ou seja, a leitura do nosso “olhar” pela busca da compreensão da sociedade capitalista, onde a dinâmica da sociedade lhes empresta seus significados sociais. Neste itinerário, que ao realizarmos este trabalho de estudo, nos deu o entendimento de como foi a evolução da educação na transição do período feudal para o manufatureiro e sua influência, na apreensão do real sentido dos acontecimentos educacionais.

Nesse itinerário, que o trabalho contribuiu para compreendermos a importância dos fundamentos categóricos da *ciência da história*, trabalho e a educação para uma reflexão apurada sobre a formação docente, e as tendências históricas da origem do manual didático no entendimento através da crítica a prática do professor do Ensino Médio e, sucintamente nos conteúdos de Geografia.

Merece destacar, o quanto a visão comeniana, do século XVII ainda perdura, em todas as formas nos espaços educacionais. O estudo sobre a “Organização do Trabalho Didático” nos ajudou a entender o processo de dependência do manual didático, sendo uma importante ferramenta de apoio à atividade docente, porém não pode ser a única, é preciso que os professores avancem quanto à prática docente uma vez que estamos ainda totalmente fundamentados no trabalho manufatureiro em pleno século XXI.

Compreendemos que o livro didático que fora desenvolvido em substituição aos livros clássicos, ainda está praticamente configurado em sua formação original não sofrendo grandes avanços em relação aos primeiros, faz-se necessário que os materiais pedagógicos avancem e não permaneçam ainda hoje no período manufatureiro.

Cabe então a nós fazermos uma releitura sobre a nossa prática educativa, em torno dos manuais didáticos, e seus possíveis avanços produzidos pela humanidade, como os novos recursos tecnológicos da informática e internet. O que nos possibilita e objetiva entendermos a nossa materialidade humana, a começarmos pelo o nosso entendimento de sociedade capitalista. Caso contrário, qualquer forma de pensarmos os possíveis avanços, como forma de transformação, confirmam o seu caráter de apropriação do nosso trabalho social, enquanto prática educativa plena, que revelam em interesses antagônicos entre as classes sociais sobre o papel da educação pública no nosso país, sob a forma de exclusão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **A Produção da escola pública contemporânea**. 4. ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2006. 288p.

_____. **As origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica**. Educ. Soc., p. 617-635, maio/ago 2005. Disponível em <<http://www.codesunicamp.br>> . Acesso em 05 de jun. de 2014.

_____. **Organização do trabalho didático: a questão conceitual**. Revista Acta Scientiarum, Maringá-PR, V. 34, n. 2, pp. 169-178, jul/dez 2012. Disponível em <<http://www.sisbin.ufop.br/bibichs/index.php/noticias/7-biblioteca/144-boletim-museu-paraense-emilio-goeldi-ciencias-humanas-vol-7-n-3>> Acesso em 12 ago. de 2014.

COMENIUS, Iohannis Amós – Trad. Joaquim Ferreira Gomes. **Didática Magna**, 1621-1654. 595 páginas. Fundação Calouste Gubbenkian, 2001. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/didaticamagna.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2014

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica-SEB. Departamento de Políticas de Ensino Médio. Orientações Curriculares do Ensino Médio. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, SPOSITO, Eliseu Savério. **GEOGRAFIA**. pp. 314-342, Brasília-DF: 2004.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho. **Manuais Didáticos**: formas históricas e alternativas de superação. In: A organização do trabalho didático: na história da educação. Brito, Silvia Helena Andrade de; Lombardi, José Claudinei e Saviani, Dermerval (orgs) . Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** (org.), 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARX, Karl e ENGELS, Frenidich. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. **A Ideologia Alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. **O Capital**, Crítica a Economia Política, V. 1 Livro Primeiro O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf> Acesso em 05 jun. 2014.

SANTOS, Milton e Maria Laura Silveira; **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI, 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAVIANI, Dermerval. **Trabalho e Educação**: Fundamentos Ontológicos e Históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Revista Brasileira de Educação. V.12 n. 34 jan/abr 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

SPÓSITO, Maria Encarnação. **As diferentes propostas curriculares e o livro didático.** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino, (orgs) Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

VESENTINI, José Willian, **O Ensino de Geografia o Século XXI. (org.),** - Campinas, SP: Papyrus, 2004.